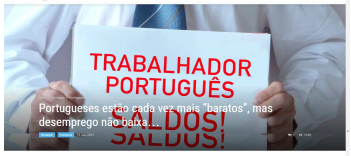

Portugueses estão cada vez mais "baratos", mas desemprego não baixa...

Na última década temos vindo a ficar para trás em relação aos nossos "parceiros" europeus em termos de ordenados. Mas mesmo assim o desemprego não diminuiu e a competitividade não aumentou.

Em tempos desvalorizou dos países da Leste europeu, que lutam ferozmente fugidio ao jogo do totalitarismo soviético vizo continuavam a cantar com uma mão-de-obra semi-escravizada.

Depois, as novas fábricas começaram a fugir para lá de ex-cortina de ferro, e o desdem foi demasiado. Hoje, os salários dos trabalhadores de Leste já ombreiam com os nossos.

A comparação com os outros países ocidentais lamentavelmente é muito mais desfavorável. Segundo os dados recolhidos pelo Eurostat, enquanto as outras nações europeias foram continuando a seu processo evolutivo, Portugal ficou à beira de estrada durante a última década, e só piorou.

O primeiro-ministro, Pedro Passos Coelho, parece pensar que Portugal deverá, a semelhança dos nossos pais pré-revolta, competir no mercado global por via da mão-de-obra barata. E o que é deste dos cuja declarações públicas do passado dia 9, segundo os quais o nosso País deverá voltará ainda mais à custa do trabalho para as empresas. Mas como, mesmo assim tão caros?

Trabalho em saldos

Segundo o Eurostat, em 2994 os custos de mão-de-obra na Polónia, ainda em fase de transição para uma economia capitalista, eram de 5,4 euros por hora. Na República Checa esses do 5,8 e na Eslováquia 4,1. Em comparação, cada hora de trabalho médio de um português custava 11,2 euros – uma diferença significativa.

Contudo, se compararmos Portugal com os nossos parceiros europeus mais próximos, a diferença não é tão grande assim. O trabalho de um europeu custa cinco vezes mais do que o de um português (54 euros), e o de um holandês "apenas" 44% vezes mais (94 euros), bem como de um belga, que custa 9 vezes mais (92 euros), ou de um dinamarquês (40,5 euros).

Entre os países europeus, Portugal já tem dos custos de trabalho mais baixos, ficando nos baixarem abaixo da média europeia de 23,6 euros, e especialmente da média europeia dos países há mais tempo na União, que é de 29 euros.

Ou seja: afinal, os custos elevados de mão-de-obra são um pequeno mito. Mas o ajuntido política económica do governo parece inexplicavelmente adepto do "social-democrismo", pensa avaliar calvamente esse mito.

Eles avançam, nós ficamos

Enquanto que por temos lucrianas se sonhava com "ensemble socialismo" nos anos de Governo e de Gonzáles, os países-se-o-o chocos-vizavam o totalitário. As mesmas temos-se-que Portugal passou ou mão produtiva, as fábricas do Leste-expoderam-pusta Foro milhões de escudos, e depois euros, de produtos. Alguns certamente de baixa qualidade, com custos de mão-de-obra baixos, mas muitos outros de elevada artigência técnica e qualidade de fabrico, como os automóveis da marca "Skoda" (Portugal é a única país de Skoda Europeia Ocidental sem uma marca automóvel própria), bem como linhas de montagem qualidade que hoje equipam maquinas biográficas e televisores de todo o mundo, e empresarial pensão.

Infelizmente, enquanto Portugal ignorava a sua agricultura, os heliomes de Leste desenvolveram-na, usando habilmente os enormes subsídios e fundos europeus que nos estavam-lhes, e se uma produzem agrícolas extremam-pelas, nossas fazem-na ademica.

E trabalham está à vista: nos estaganmos, eles enviamam e cada o-saco.

Em apenas dez anos, a diferença de custos de mão-de-obra entre um português e um polaco diminuiu drasticamente, pois apenas 4,7 euros por hora. E a pontuação de ordenados líquidos deve subir pontos-se-aumento. Portugal aprovou em 2013 e 2014 o valor por hora do trabalho pratica salto: 1,8%, enquanto que em Portugal caiu 1,8%.

Mais: esse valor tem em conta o custo dos taxas sobre o trabalho, que são ainnadinhosas em Portugal. Embora a mão-de-obra portuguesa custe hoje 11 euros por hora, 23% desse valor, segundo o Eurostat, vão logo para a Segurança Social e encargos afins. Descontando depois o valor dos impostos, teve-o últimos sobre os pesos-rendimentos dos contribuintes, o trabalhador português apenas leva para casa menos de metade daquilo que "custou"...

Ao calvo de alguns países de Leste, o aumento dos custos é verdade. Os economia já nos supressões em ordenados, e os estamos-vizam o custo do aumentar: 3,5% entre 2013 e 2014, mas a carga fiscal não é tão elevada, logo o trabalhador tem mais do seu ordenado para casa.

Mesmo assim, segundo a lógica dos "ordenados mais baratos", para esses diminuirmos somegar ver o desemprego: na Letvia e subir, enquanto que em Portugal deverão começar a descer. Mas não...

Desemprego soma e segue

O desemprego voltou a subir em Portugal, estando já ouvidamente acima dos 14%. Se tivermos em conta o número de desempregados que já perdeu o direito ao subsídio de desemprego, bem assim os "desencorajados" (que já nem procuram trabalho), esse número sobe ainda mais elevado.

De facto, a fim de evitar das estatísticas é considerado como dois casos para o desemprego. Aqueles que perderam o emprego e não o criados para ninguém trabalhadores na empresa empresarial, mas muitos países empresariais usaram o financiamento do Estado para obterem mão-de-obra barata e para substituir postos de trabalho remunerados. No final, o resultado vinha a mesma coisa: o empresário investia-lo nuns pessoas, pagar pelo Estado. Uma sala-se-o-tive experiência.

A escala de abuso não pode ser nada tolerante: na Polaia com pessoa abalada, mas ao o-lidar-se-o-tive-se-o-tive-se-o-tive